

3. Estupidemia: a pandemia de estupidez e seus tratamentos possíveis

Rita de Cássia de Araújo Almeida¹

A pandemia de covid-19 certamente trouxe novos ingredientes para uma outra, que parece ter ganhado força nos últimos tempos: a pandemia de estupidez.

Negacionismo da ciência e de fatos históricos, teorias conspiratórias diversas, as chamadas *fake news*, tudo isso vem compondo o debate público e sendo utilizado como estratégia de propaganda para a investida de uma nova versão da extrema-direita em escala mundial. Desse modo, a política se tornou terreno fértil para delírios, mentiras e estupidezes que, potencializadas pela velocidade e pelo alcance das redes sociais e pelo uso sistemático de perfis-robôs, criaram narrativas, candidatos e venceram eleições em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil (Holzhacker, 2017).

Com a chegada da pandemia de covid-19, as teorias conspiratórias e as *fake news*, aliadas ao negacionismo da ciência e da própria pandemia, se tornaram motes discursivos de vários governos e grupos políticos, inclusive do governo brasileiro. Por aqui, tais discursos determinaram decisões políticas e estratégias de intervenção governamentais, transformando o Brasil num dos epicentros da pandemia, o segundo em número de mortos, e celeiro fértil para a produção de variantes virais para a covid-19 (CNN, 2021).

¹ Psicóloga/psicanalista em formação. Mestre e doutora em educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Contato: ritaaalmeida1969@gmail.com.

Mas a pergunta que não cala é: como é que narrativas estúpidas, deliroides, mentirosas e sem fundamentos racionais ganham tanta adesão? Que mecanismos tornam tais narrativas tão inflexíveis e impermeáveis às evidências e aos questionamentos?

A psicanálise é sempre convocada a dizer sobre as questões do seu tempo e, desde Freud,² ela não tem se furtado a fazê-lo. O objetivo deste texto é, portanto, trazer a psicanálise para iluminar algumas questões, e levantar outras, sobre isso que estamos chamando aqui de *estupidemia*.

As paixões do ser: o ódio, o amor e a ignorância

Para a psicanálise a ignorância não é um mero desconhecimento. O próprio conceito de sujeito do inconsciente tem a ver com uma certa ignorância. Enquanto o sujeito cartesiano é, na medida em que pensa e sabe sobre si, o sujeito freudiano indica que ser e saber estão disjuntos, na medida em que o sujeito é habitado por algo que ignora. Somos também, e em grande parte, aquilo que não sabemos.

Lacan (1953-1954/1986) conceitua a ignorância em uma relação dialética com a verdade. É na medida em que o sujeito sai em busca de uma verdade que ele constata sua ignorância. Não se trata, portanto, de um mero desconhecimento, é um desconhecimento que sabe que há algo a se conhecer. Uma ignorância que deseja saber. A ignorância nessa perspectiva é uma paixão e, juntamente com o ódio e o amor, constitui as três paixões do ser.

Freud (1915/1980b) afirmava que ódio e amor fazem parte da constituição do eu e têm origens diversas, sendo que o ódio é fundamental, e vem antes do amor. O ódio se origina na luta do eu em preservar-se, mantendo distância de tudo que lhe cause desagrado, que o ameace de dissolução. O ódio é fundamental para a constituição do chamado narcisismo primário, que garante que

2 Em vários de seus textos – “Mal-estar na civilização”, “O futuro de uma ilusão”, “Moisés e o monoteísmo”, “Psicologia das massas e análise do eu”, e outros –, Freud tratou das questões sociais e políticas de seu tempo, afirmando a posição da psicanálise perante elas, até porque considerava que não existia oposição entre uma psicologia individual e uma social.

o bebê faça seu primeiro movimento de separação do Outro.³ O ódio define: isso não sou eu. O ódio quer fazer “um”, é uma forma de resistência ao abuso e ao poder do outro, a recusa em ficar na condição de objeto.

Mas o ódio não é sempre uma solução eficaz para o eu, especialmente porque ele precisa se dispor ao laço social. Para sair do narcisismo e do autoerotismo em direção à satisfação sexual e à participação na comunidade, é necessário o amor. O amor só é possível porque o ódio chegou antes, e fez o trabalho de separação. Amor é ódio tratado e transformado. O amor é um afeto nobre, de grande valor ético e social, mas ele só é possível a partir de um traço de ódio, que demarca uma separação que constitui nossas diferenças. Enquanto o ódio quer fazer “um”, o amor aposta na coexistência de dois diferentes.

Ao longo da vida, continuamos a usar o ódio e o amor nessa dialética: ódio para nos diferenciar, definir o que não somos, o que não aceitamos, e amor para encontrar, para fazer laço, para escolher nossos pares. Amor e ódio são afetos igualmente necessários para o laço social, por isso, são afetos políticos por excelência, onde um não acontece sem o outro. Na perspectiva da psicanálise o amor é o mais nobre dos sintomas, amor é construção, abertura ao outro e aceitação da diferença, mas o ódio é o mais primordial e poderoso, porque nos empodera e nos diferencia.

Mas voltemos à paixão da ignorância, que, segundo Dunker (2020), pode ser demonstrada pela diretiva socrática: “só sei que nada sei”, por considerar o saber como um processo que inicia com a admissão da ignorância. A curiosidade seria a representação desse desejo de saber. Nesse ponto, podemos dizer que o desejo de saber está ligado ao amor. Desejar saber aquilo que não sei, ou seja, aquilo que me falta, é o caminho para o laço amoroso. “Amar é dar o que não se tem”, como diria Lacan (1972-1973/1996), temos assim o conceito de transferência, tão caro para a psicanálise, que seria admitir a própria falta, a ignorância, para supor o saber no outro. Tal ignorância que deseja saber sobre o outro e sua diferença é aquela que produz a ciência, a filosofia, a

3 O Outro ou o Grande Outro é um conceito lacaniano: um espaço aberto de significantes encontrado pelo sujeito desde seu ingresso no mundo. Lugar a partir do qual o sujeito é inserido na linguagem, mas de onde também precisa se separar para falar em nome próprio.

política, as relações amorosas, e outras construções simbólicas fundamentais para o laço social.

Mas há situações nas quais o desejo de saber se encontra bloqueado, paralisado. É o caso da ignorância por alienação, quando as vias que levam ao saber se encontram barradas pelos sistemas de poder. Caberia aqui o conceito de alienação em Marx, nesse ponto, a ignorância seria algo produzido e necessário à manutenção de um determinado sistema, nesse caso, o capitalista. Ao capitalismo interessa que o trabalhador não saiba sobre os bens que ele mesmo produz, que ele não seja consciente da força do seu trabalho. A alienação é uma ignorância produzida pelas relações de poder, mas essas relações de poder invariavelmente fracassam, especialmente porque o trabalhador não aceita o tempo todo a condição de submissão.

Temos ainda o bloqueio do saber pela via do recalque, proposto por Freud (1915/1966). O neurótico é aquele que não quer saber sobre nada disso, e disso ele foge através do sintoma, ou de todas as outras formas de defesa que encontrar. A defesa neurótica, como Freud propõe, também é uma forma de alienação, nesse caso, o sujeito tende a recalcar sua condição sexual e mortal, ou seja, sua castração, seu limite. O sujeito neurótico é um ignorante que acredita que sabe, mas, para sua sorte, o sintoma e as demais formações do inconsciente (sonhos, atos falhos e chistes) aparecem e o denunciam, desmontam sua tentativa de alienação. O sintoma aparece no fracasso da operação alienante do recalque, nesse sentido, ele possibilita que o sujeito saia da ignorância. É o que, em geral, o sujeito faz quando procura um analista: ele quer saber sobre o enigma do seu sintoma.

Digamos então que, nesses dois casos, o desejo de saber pode estar momentaneamente bloqueado, mas existem aberturas possíveis a ele. Freud inventou a psicanálise para tratar dessa defesa do neurótico contra o desejo de saber, não para lhe oferecer um saber que repare sua ignorância, mas para lhe possibilitar assumir sua condição de ignorância, colocando-a a serviço do próprio desejo. De uma ignorância que o paralisa, o sujeito pode chegar a uma ignorância que o movimenta em direção ao desejo.

Mas e quando a ignorância parece não ter nenhuma abertura, nenhum fracasso que se abra ao desejo de saber? O que dizer sobre a ignorância que

tudo sabe, que leva ao obscurantismo, ao fanatismo, ao fundamentalismo, ao negacionismo, ao anti-intelectualismo, ao terraplanismo, ao fascismo?

A ignorância a serviço do ódio: o discurso da estupidez

Na concepção lacaniana (1953-1954/1986), o ódio e a ignorância tendem a fazer um par, uma associação, e quando isso acontece o sujeito aparece blindado de quaisquer possibilidades de ceder ao desejo de saber. A rejeição total do outro e sua diferença interdita o diálogo, a dialética, a refutação, favorecendo a proliferação de discursos fundamentalistas, totalitários, negacionistas, de teorias conspiratórias, deliroides e alienantes, que se sustentam pela via da crença, da certeza. Nesse caso, chegamos ao discurso da estupidez.

O estúpido, como o concebo aqui, é aquele que não quer saber nada, não quer nem mesmo saber sobre a própria ignorância, porque está certo de saber tudo, portanto, não está aberto ao outro. Com isso chegamos ao seguinte paradoxo: o sujeito mais estúpido é aquele que mais acha que sabe. Quanto mais o sujeito supõe saber e quanto menos ele supõe saber no outro, mais estúpido ele é. Para escapar da estupidez é preciso saber o que se sabe, mas, sobretudo, saber o que não se sabe. É por isso que o estúpido não se inibe em exhibir sua ignorância. Na verdade, ele se orgulha em exibí-la, afinal, ele está muito certo de saber aquilo que eu, você ou todos os outros desconhecem.

Obviamente que, em algum momento na vida, todos nós fomos ou seremos eventualmente estúpidos. Mas tratamos aqui de um momento histórico no qual a estupidez parece dominar a cena social, especialmente a cena política. Esse casamento do ódio com a ignorância parece ter se tornado pandêmico e contagioso, especialmente com o advento da internet e das redes sociais. E, no caso do Brasil, alcançou a cadeira mais alta do poder executivo.

O uso político do ódio e da ignorância: a estupidez como discurso

A profusão do discurso de ódio na internet tem sido amplamente debatida, e considerada por certos estudiosos uma ameaça às democracias e suas instituições.⁴ Associado a mentiras e desinformações, esse tipo de discurso se tornou um enorme problema para a sociedade, especialmente no campo da política. Em tempos de pandemia de covid-19, causa graves riscos para a saúde pública e a vida, ainda mais quando governos que deveriam se servir da ciência, da racionalidade e do interesse pelo bem comum assumem a disseminação do ódio e a ignorância como estratégia de comunicação e de sustentação de poder.

É fato que as redes sociais não inventaram o ódio nem a ignorância, mas o anonimato e a distância física propiciaram uma certa desinibição para exibir tais afetos em público, além de estes contarem com validação e legitimação de outros. Assim como a internet tornou possível a formação de grupos acolhedores e fortalecedores para algumas minorias que, por outros meios, teriam muito mais dificuldade de se organizar, também se tornou profícua para a criação de bolhas que reforçam e retroalimentam todo tipo de estupidez. Nesse caso, a estupidez deixa de ser um episódio singular de um sujeito para se tornar um fenômeno coletivo, de massa: a *estupidemia*. Supremacistas, terraplanistas, fundamentalistas, conspiracionistas, paranoicos e fanáticos de toda ordem encontram seus nichos discursivos e conseguem curtidas, seguidores, aplausos e até mesmo financiamento e poder político.

Quando falo aqui em estupidez como fenômeno discursivo, refiro-me ao conceito de discurso trabalhado por Lacan (1969-1970/1992), isto é, um discurso sem palavras. Uma das tarefas da linguagem seria possibilitar que nos articulemos com o outro, articulação para a qual há um aparelhamento linguístico que Lacan chamará de discurso. Por essa vertente, entendemos o discurso como liame, laço social, capaz de articular o campo do sujeito ao campo do outro, articulação que se faz não somente pela palavra, pela fala.

4 Steven Levitsky, Daniel Ziblatt, Yascha Mounk e Giuliano da Empoli são alguns dos autores contemporâneos que tratam desse tema.

Trata-se de uma posição diante do outro e que vai caracterizar um tipo de laço, de relação de poder e seus efeitos de verdade e de fracasso. Nesse sentido, posicionar-se diante do outro pela operação do discurso da estupidez seria colocar juntos, como operadores da linguagem, o ódio e a ignorância.

O psicanalista Mauro Mendes Dias (2020) trabalha de forma muito precisa e interessante esse conceito de discurso da estupidez, que trago aqui para nossa discussão. Ele diz que o estúpido é aquele que não dialoga, mas vocifera, que emite a voz da fera. Todos temos essa fera em nós, ela está presente no discurso do outro que nos constitui, no entanto, o processo de subjetivação está condicionado ao fato de alcançarmos o que Dias chama de “um ponto surdo”. Para ressoar nossa própria voz é necessário ensurdecer-se para a voz da fera que nos constitui e nos habita. No entanto, há casos em que esse “ponto surdo” fracassa, e a voz da fera toma a cena. Nesse caso, não há lugar para o discurso singular; o sujeito fala, mas não emite sua própria voz, quem fala por meio dele é o outro, que ele sustenta pela via da crença. Aderido à certeza da crença, o sujeito recusa outras vozes e narrativas. Além disso, abraçado a uma crença, o sujeito não precisa refletir ou escolher, basta seguir o que está definido. O estúpido, como define o autor, discursa por meio da crença cega em uma seita, que dispensa sua própria enunciação, e, para sustentar tal crença, precisa eliminar tudo aquilo que possa abalar suas convicções.

Nesse sentido, a estupidez leva a uma fragilidade simbólica, já que o estúpido possui um discurso desabitado de eu – do eu inconsciente, dividido – que o faça deslizar de suas certezas. O discurso que o estúpido reproduz como seu não tem nada que lhe seja singular, trata-se apenas de uma crença inabalável que ele reproduz sem questionar. Diante do mal-estar, do desamparo e do medo, o estúpido usa o ódio para manter sua integridade e a ignorância para sustentar as certezas de sua crença, e para isso ele precisa eliminar toda e qualquer diferença.

Estupidez e fanatismo

Amós Oz (2016) faz uma descrição do fanático que muito se aproxima desse conceito de estupidez. Oz supõe que o discurso fanático aparece na

tentativa de criar respostas fáceis para situações complexas, especialmente diante do medo e de situações de crise e incerteza extremas. Quanto mais complexas as questões se tornam, mais as pessoas anseiam por respostas simples, e que podem acabar se tornando uma resposta única. O fanático precisa fazer do outro uma cópia de si e/ou eliminar aquele que se recusa a se tornar um igual, por isso, parece estar mais interessado no outro que nele próprio, porque ele quer, sobretudo, mudar o outro, converter o outro. Porque, quando um fanático consegue converter o outro, ele conquista a garantia de que seu discurso seja validado.

Pensando com Oz (2016), podemos dizer que o estúpido precisa converter o outro a todo custo, a fim de apagar toda a diferença, para que seu eu frágil se reforce entre seus iguais e, assim, sobreviva. Por isso, ainda que seu discurso não possua nenhum compromisso com a verdade, este jamais poderá ser desconstruído ou questionado, afinal, isso significaria sua própria derrocada. Se o estúpido depende da crença fundamental que ele abraça, desmontar tal crença é fazê-lo experimentar uma espécie de morte. Portanto, caso o estúpido não consiga te converter, a opção que lhe resta é eliminá-lo.

A tolerância da estupidez

Poderíamos pensar, então, que a saída para se contrapor ao discurso da estupidez e sua intolerância ao saber e à diferença seria a tolerância. Aliás, esse parece ter sido o grande equívoco das democracias liberais, acreditar que simplesmente alargar os limites sociais e culturais para hospedar todas as chamadas liberdades individuais seria suficiente para manterem suas virtudes. Mas a verdade é que a *estupidemia* floresceu e se expandiu exatamente em solos democráticos liberais, onde a tolerância vai aparecer de maneira paradoxal e muitas vezes cínica. A tolerância, que nos convida a aceitar o diferente pelo seu direito individual, passa a impressão de também ter que aceitar comportamentos opressivos, fascistas e antidemocráticos. Sob o signo da tolerância assistimos, por exemplo, à estupidez das manifestações que usam

de maneira cínica o espaço democrático das ruas para pedir intervenções autoritárias e antidemocráticas. É “o povo contra a democracia”.⁵

Quando o discurso da tolerância serve apenas para alargar os limites sociais e evitar conflitos e perturbações, produz uma política desafetada, anestesiada, desmemoriada, descomprometida e indiferente, campo aberto para a proliferação da estupidez. Foi assim que a democracia abriu canal para a *estupidemia*.

Assim, as lutas democráticas precisam também se munir da paixão do ódio, afeto primário e necessário para definirmos o que não é possível tolerar. Ódio para dizer não, para impor limites. Apenas cancelar ou moralizar o ódio pode servir para a sustentação de uma democracia cínica, que recusa o confronto e o conflito, seus principais valores. Entretanto, para utilizar o ódio como resposta eficiente para a estupidez, é necessário manter nele o desejo de saber. Usar o ódio para sustentar a diferença e desejar saber sobre ela pode ser uma saída ética para usar esse poderoso afeto a favor de democracias que não nutram estupidezes. Isso demanda uma democracia disposta ao conflito e à sustentação radical das diferenças, não apenas para tolerá-las, mas também para confrontá-las e definir seus limites.

Tratamento possível da estupidez

Freud (1937/1980c) dizia que educar, governar e analisar são tarefas impossíveis. Com essa proposição, Freud abriu o caminho para que Lacan (1969-1970/1992) dissesse que todo discurso tem seu fracasso, seu impossível. No entanto, ao assumir o impossível de cada discurso nos livramos da impotência, da paralisia. É naquilo que cada discurso fracassa e demonstra seu limite que está a proteção contra a estupidez. O estúpido é impotente para assumir as impossibilidades discursivas, precisando, portanto, se cercar de dogmas e certezas definidos por suas bolhas.

5 *O povo contra a democracia* é o título de um livro de Yascha Mounk, publicado pela Companhia das Letras em 2019.

Pensando sob tal perspectiva, algumas questões se fazem importantes: se é que isso é possível, como poderíamos provocar fissuras, fracassos, impossibilidades no discurso da estupidez? Existe vacina ou tratamento para a *estupidemia*?

A maioria de nós já passou pela experiência de tentar argumentar ou debater com um estúpido e percebeu que não há racionalidade ou argumentos que façam o sujeito deslizar da verdade que adotou. Portanto, a resposta para nossa pergunta não está no campo do saber racional, da pedagogia. Não se trata de elucidar aquilo que o sujeito não sabe e com isso fazê-lo sair da alienação. O caminho é outro.

Com o percurso que fizemos até aqui, não fica difícil compreender que o amor, que sustenta a diferença, e o desejo de saber, que se abre à diversidade, são caminhos necessários para combater o discurso da estupidez. Mas também é preciso um tanto de ódio não ignorante para combatê-lo. É fundamental confrontar e reagir ao discurso da estupidez, e o desafio é criar modos não estúpidos de fazê-lo.

As democracias, nesse sentido, não podem ser apenas uma arena alargada onde todos possam exercer suas liberdades individuais; se for apenas isso, teremos que tolerar também estúpidos de toda ordem. O amor e o desejo de saber como antídotos para o ódio ignorante são os caminhos que a psicanálise pode indicar para as democracias que não queiram alimentar estupidezes. As democracias precisam ser um exercício continuado e radical de defesa da diversidade e da diferença; nesse sentido, não podem ser tolerantes com negacionismos, fanatismos, racismo, machismo, homofobia, fascismos, terrorismos ou outros discursos estúpidos. Desse modo, tratar o negacionismo antivacina numa pandemia de escala mundial como exercício de liberdade individual não é defender a democracia, é, ao contrário, alimentar a estupidez que ameaça a própria democracia, como tolerar racismo, machismo ou homofobia não pode ser considerado respeito ao direito à liberdade de expressão. Usar a internet, as redes sociais e outros veículos de comunicação para disseminar mentiras, teorias conspiratórias e invenções diversas também não pode ser considerado direito de expressão democrática.

Combater todas as formas de estupidez e barrar a *estupidemia* talvez seja o maior desafio das sociedades, movimentos e instituições democráticas da atualidade, e essa precisa ser uma tarefa política e coletiva. Como no caso do enfrentamento da pandemia de covid-19, o tratamento possível da *estupidemia* não pode se restringir a adotar medidas de cuidado, profilaxia ou tratamentos individuais, há de se criar métodos e estratégias que combatam a epidemia em seu processo de contágio como fenômeno coletivo. Tomar o discurso da estupidez como um fenômeno pandêmico é compreender que tratar os doentes um a um é insuficiente para atacar a questão de modo eficiente. Ou seja, ainda que possamos sustentar uma arena possível de debate e conflito com nossas pequenas estupidezes cotidianas, elas não podem ter espaço e voz nas grandes arenas e debates públicos, que é onde elas podem se disseminar e se potencializar. As instituições de toda ordem, os governos, os movimentos políticos e sociais, os tribunais, as empresas públicas ou privadas precisam assumir o pacto coletivo de não serem agentes disseminadores e fortalecedores da *estupidemia*, e é fundamental que sejam devidamente barrados e enquadrados pelas instâncias democráticas caso rompam com tal compromisso.

Diversos países pelo mundo, incluindo o Brasil, estão sofrendo as consequências de ser tolerantes com o discurso da estupidez a ponto de permitir que chegasse ao poder e, assim, disseminasse livremente seu vírus nocivo. E no caso da *estupidemia* temos mais um agravante: o vírus (ódio mais ignorância) não vem de fora para atacar nossas defesas, ele já está lá, faz parte da nossa constituição subjetiva. Basta que seja devidamente despertado e alimentado.

Referências

- CNN. (2021). ‘O mundo olha para o Brasil com preocupação, com razão’, diz Natalia Pasternak. *CNN Brasil*. Recuperado de: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/o-mundo-olha-para-o-brasil-com-preocupacao-com-razao-diz-natalia-pasternak/>.
- Dias, M. M. (2020). *O discurso da estupidez*. São Paulo: Iluminuras.

- Dunker, C. (2020). *Paixão da ignorância: a escuta entre psicanálise e educação*. São Paulo: Contracorrente.
- Freud, S. (1980a). A dinâmica da transferência. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (1980b). Pulsão e seus destinos. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1980c). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1996). Recalque. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Holz hacker, D. O. (2017). O impacto das “fake news” nas eleições. *Infomoney*. Recuperado de: <https://www.infomoney.com.br/colunistas/pensando-politica/o-impacto-das-fake-news-nas-eleicoes/>.
- Lacan, J. (1986). *O Seminário. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. 2a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954).
- Lacan, J. (1992). *O Seminário. Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1996). *O Seminário. Livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Oz, A. (2016). *Como curar um fanático*. São Paulo: Companhia das Letras.